

HILDEGARD STAUSBERG

O Brasil não ganhou a Copa, mas os jogos foram bonitos e o temido caos não aconteceu. Nem mesmo o 7 a 1 contra a Alemanha teve consequências negativas nas relações bilaterais: os brasileiros, embora decepcionados, foram bons perdedores; os alemães, vencedores felizes, mas não esnobes na vitória.

Pesquisas da BBC Country Poll Rating mostraram que, em decorrência do “Ano da Alemanha”, que terminou em junho de 2014, o tradicional e estreito relacionamento entre os dois países melhorou em 25% – ao passo que a popularidade da China caiu em 4% e a dos Estados Unidos em 14%.

Agora, o Brasil se encontra em ritmo de eleições presidenciais marcadas para o dia 5 de outubro. Inicialmente, concorriam três candidatos: a presidente atual, Dilma Rousseff, que governa desde 2010 pelo partido de esquerda, o Partido dos Trabalhadores (PT), o ex-governador de Minas Gerais Aécio Neves, pelo partido de centro-direita, o Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB), e Eduardo Campos pelo Partido Social Brasileiro (PSB).

Porém, em meados de agosto o candidato Campos morreu em um acidente de avião. A sua morte causou um terremoto no cenário eleitoral, mesmo tendo figurado somente em terceiro lugar nas pesquisas. Será que ele poderia ser alavancado ao segundo lugar, forçando um segundo turno contra Dilma Rousseff? É justamente isso que muitas pesquisas estão apontando a partir da candidatura de Marina Silva, candidata a vice-presidente de Campos e de grande popularidade no setor ambiental, tanto no Brasil como no mundo todo. Com a morte de Campos ela passou a defender seu legado. Será que o duelo tido como certo para o segundo turno, “Rousseff versus Neves”, poderá ser alterado para um duelo entre damas, “Rousseff versus Silva”?

Nos anos passados, Rousseff ganhou respeito como tecnocrata resolvida, mas ela não possui o carisma do seu antecessor e mentor Lula – este cativa as pessoas, já o jeito áspero de Dilma Rousseff não agrada. É respeitada, porém não amada. Por outro lado, não teve uma herança política fácil: o escândalo do “Mensalão” da era Lula a acompanhou em sua gestão. Ademais, Lula não soube aproveitar as perspectivas econômicas fantásticas da sua gestão para realizar as reformas necessárias.

Há tempo que os casos de corrupção do PT alcançaram o governo de Rousseff. A sociedade de economia mista “Petrobras” comprou, em 2006, nos Estados Unidos, ações de uma refinaria no valor de 360 milhões dólares que tinha sido comprada, no ano anterior, por um grupo Belga, por 42 milhões de dólares. A soma total que fora transferida no final da transação foi de 1,8 bilhões. Estran-



O Brasil e a Alemanha tradicionalmente têm muitas coisas em comum. No entanto, neste momento o assunto mais importante são as eleições presidenciais no Brasil: será Dilma Rousseff reeleita ou terá que sair?

Uma amizade com grande potencial

Hamburgo vive a 32ª edição do Encontro Econômico Brasil-Alemanha. O evento oferece informações sobre as possibilidades no mercado e possibilita encontros com executivos dos dois países

nhamente, na ocasião, Rousseff era diretora do Conselho Fiscal da Petrobras. Será que ela não sabia de nada?

Rousseff e Silva foram colegas no governo de Lula. Mas Marina Silva renunciou ao cargo de ministra do Meio Ambiente e também deixou o PT. Foi candidata nas eleições de 2010 pelo Partido Verde (PV) e obteve 19% dos votos. Diferentemente de Rousseff, a guerrilheira de uma família de classe média alta, Silva nasceu em um ambiente familiar humilde de extrema pobreza. Milhões de brasileiros se identificam com a luta pela sobrevivência vivida por ela.

Sua propaganda de campanha contra a corrupção pode atrair muitos jovens eleitores, decepcionados com os doze anos de governo do PT. Como membro de uma igreja protestante, Marina Silva defende posições conservadoras, como a não aceitação do aborto ou de casamentos gay, o que pode aumentar ainda mais o seu potencial eleitoral.

Enquanto isso o PT tenta atrair, de sua maneira costumeira, eleitores através dos programas de assistência so-

cial, mas é neste ponto que se nota uma queda brutal na confiança dos eleitores. Muitos brasileiros estão altamente endividados, o crescimento econômico parou, a inflação aproxima-se dos 10% a.a, a cota dos investimentos está baixa, profissionais especializados são raros, o Brasil produz de forma muito cara em comparação ao mercado mundial e não possui força de concorrência. “O ‘Custo Brasil’”, isto é, as despesas com a burocracia brasileira, paira como uma nuvem pesada sobre o país.

O PT apostou na América Latina, na rede econômica e política do Mercosul, que basicamente tem como objetivo principal um mercado forte dentro do bloco. A situação da Argentina preocupa – afinal, é o terceiro maior parceiro econômico do Brasil e um país para aonde os produtos industriais brasileiros são exportados, diferentemente, do que ocorre com a China.

As coisas andam melhores na região dos países da Aliança do Pacífico: México, Columbia, Peru e Chile. O conceito econômico de mercado adotado os faz ser competitivos internacionalmente e atrai investimentos reais do exterior, não apenas dinheiro do banco de desenvolvimento chinês.

Será que o Brasil finalmente vai olhar nesta direção? Será que a entrada do Brasil, iniciada por Lula, na comunidade dos países do BRICS trouxe enfim o tão esperado impulso de renovação? Parece que não. Os bilhões que o banco de desenvolvimento da China pretende investir no Brasil vão para projetos de infraestrutura, visando apenas um transporte mais eficiente das matérias primas do país.

Para Stefan Zoller, diretor da Brazil-Board, Associação Federal da Indústria Alemã, a Alemanha poderia se tornar um parceiro mais inovador. Cerca de 1,6 mil empresas alemãs estão “bem posicionadas” no Brasil e poderiam gerar algo em torno de 20% da produção industrial. “No entanto, não podemos deitar sobre os louros”, comenta Zoller, uma vez que a China está há muito tempo querendo “tomar conta do Brasil em todos os níveis”.

As empresas alemãs estão em desvantagem nas licitações do governo brasileiro, já que só as ofertas baratas são consideradas, informa Zoller. Além disso, seria necessário um acordo de dupla tributação (veja página 2) e menos burocracia. “Isto não será fácil, mas o esforço vale a pena; afinal haverá um próximo desafio em 2016, com as Olimpíadas no Rio de Janeiro”. A conclusão das obras em importantes arenas esportivas ainda se encontra distante e, justamente pela demora na concretização das obras, haverá necessidade de mudanças rápidas referentes ao planejamento e a realização.

ENTREVISTA COM O MINISTRO DO EXTERIOR DA ALEMANHA, FRANK-WALTER STEINMEIER

DIE WELT: Senhor Ministro, qual o valor do Brasil na política externa da Alemanha?

FRANK-WALTER STEINMEIER: O Brasil nos fez conhecer um anfitrião muito simpático, especialmente na recente realização primorosa da Copa do Mundo, que tem sido tão positiva para o nosso time e os nossos fans. E mesmo que o país atualmente não esteja nas manchetes internacionais, o Brasil continua sendo para nós um parceiro muito importante na formação de uma globalização responsável. Como “país industrial do sul”, o Brasil pode construir pontes importantes, em especial para os países da América Latina e da África.

Juntamente com o Brasil, estamos nos empenhando por uma reforma modernizadora do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Há pouco tempo apresentamos em conjunto, nas Nações Unidas, uma resolução para a proteção da esfera privada na era digital. Aqui se mostra com muita clareza o potencial da nossa cooperação de mútua confiança.

O que se espera do recém-estabelecido acordo para consultas periódicas entre os dois governos?

Queremos aprofundar o diálogo político em todas as áreas e entrelaçá-lo politicamente. Ao lado dos temas centrais mencionados, isso se refere a uma cooperação aprofundada nas áreas da ciência e da pesquisa, como também a troca de experiências na formação profissional. Não se deve subestimar, também, a área de cooperações no uso de energia regenerativa e na eficiência do uso de energia.

Aonde o senhor vê potencial para melhorias?

Ainda há muitos jovens brasileiros que, pela barreira da língua, receiam em aproveitar a oportunidade de estudar na Alemanha, apesar da existência de bolsas atraentes. Por isso queremos ampliar as ofertas para se aprender o nosso idioma. Uma necessidade de agir em áreas econômicas, onde empresas alemãs enfrentam problemas em conectar as suas localizações brasileiras de produtividade às redes globais de forma mais eficiente. Porém, estou otimista que faremos progressos nesta área, assim como num acordo de dupla tributação.

As perguntas foram formuladas por Hildegard Stausberg



FRANK WALTER STEINMEIER

ANZEIGE

Buildings Industrial plants Infrastructure

Your partner for construction projects in Brazil.

HOCHTIEF
DO BRASIL

A ZECH GROUP company

www.hochtief.com.br www.zech-group.com

BRASIL & ALEMANHA



IMPRESSÕES
DE UM PAÍS

Transporte marítimo de bens Em 2013 o Brasil importou, através do porto de Hamburgo, basicamente, fertilizantes e produtos químicos (62,4%), seguido a distância por máquinas, equipamentos e eletrodomésticos (7,2%), metais e produtos de metais (4,5%), veículos (4,3%), assim como, alimentos e estimulantes (3%). Exportou à Alemanha principalmente bens naturais, principalmente minérios, pedras e terra (59,9%), seguido por produtos da agricultura, agropecuária e bens florestais (18,1%), alimentos e estimulantes (7,6%), produtos químicos (2,3%) e máquinas, eletrodomésticos etc (1,5%). No total foram exportados, através de navios, 2,5 milhões de toneladas para o Brasil e importados para Hamburgo 4,6 milhões de toneladas.

Serviços de Linha Na navegação de carreira, vários portos são percorridos no mesmo itinerário, ao contrário da navegação direta. Entre o porto de Ham-



GETTY IMAGES

burgo e o Brasil, atualmente, operam três linhas de carreira. A companhia italiana de navegação, Grimaldi, opera seis navios, cada um com uma capacidade de carga de 850 standard-container (TEU) de 2500 m de cargas para bens móveis, como p.ex., automóveis. Eles circulam entre Hamburgo e a África Ocidental, assim como pela costa leste da América do Sul. A empresa Hamburg Süd opera entre Hamburgo e o Brasil num total de oito navios com a capacidade de carga 9800 TEUs assim como, 2100 container de refrigeração. Todos os navios da Hamburg Süd trabalham em alianças, isto é, outras empresas de navegação, como a Hapag-Lloyd e a Maerck, alugam espaços para carregamento. A empresa de navegação MSC, com sede na Suíça, transita com sete navios, com capacidade de carregamento entre 5500 e 6000 TEUs, entre o Brasil e Hamburgo. Em média três vezes por semana, um navio parte rumo ao Brasil, onde existem nove portos de containers importantes. De acordo com dados de 2013, o maior deles é o Porto de Santos, com uma capacidade de transbordo de 3,2 milhões de TEUs, seguido do porto de Paranaguá (731.000 TEUs) e o porto de Navegantes (676.000 TEUs). As maiores taxas de crescimento ficaram por conta das cidades portuárias Itapoá e Manaus, com aumento de 72,1% e 21,3% resp.. Todo trajeto circular, ida e vinda, do porto de Hamburgo leva entre 49 a 63 dias.

Café Conforme dados oficiais da Organização Internacional de Café, International Coffee Organisation, o Brasil é, de longe,



MSK

o maior produtor de café do mundo. Na safra do ano de 2011/2012 o país produziu 43,5 milhões de sacos de 60 kg, seguido do Vietnã com 20 milhões e da Indonésia com 8,3 milhões.

Agglomerado de transportes aéreos

Em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, está surgindo um novo centro da aviação. O aeroporto internacional Tancredo Neves, que está sendo ampliado para ser um dos pontos de maior eficiência e de maior capacidade para embarque e desembarque entre o Brasil e a América Latina. O Centro de Tecnologia e Capacitação Aeroespacial (CTCA), o mais avançado centro de tecnologia e treinamento para a aviação aérea e espacial, será expandido. Uma faculdade estadual para tecnologia de aviação está em fase de planejamento. Também existem na região empresas que atuam no setor aeroespacial, como, por exemplo, a Embraer. **mvv**



GETTY IMAGES

O eixo comercial histórico leva ao futuro

Sem o porto de Hamburgo não haveria comércio entre a Alemanha e o Brasil. Uma verdade hoje como há 140 anos



MICHAEL VOLBER

A Reeperbahn, o mercado de peixe, o velho túnel sob o rio Elba e a nova filarmônica são os cartões postais mais conhecidos da magnífica cidade portuária de Hamburgo. Recentemente, porém, ganhou mais um, muito especial, que fica na margem norte do rio Elba, ao lado da Überseebrücke (ponte do além-mar): é o velho navio de carga "Cap San Diego", com 160 metros de comprimento, o maior navio-museu do mundo ainda em funcionamento. O cargueiro de mais de 50 anos é um símbolo em duplo sentido: por um lado representa o comércio naval, em especial com o Brasil, que se iniciou no início do século XIX e, por outro lado, simboliza a "Süd", uma abreviação ao modo "hansêtico" do nome da "Sociedade de Navegação à Vapor de Hamburgo à América do Sul". Fundada em 1871, a Hamburg Süd foi pioneira em serviços navais, pelos quais a então ultra-moderna "Cap San Diego" transportava bens clássicos como café, açúcar, tecidos, frutos tropicais, máquinas e carros em viagens circulares e regulares, entre Hamburgo e a costa leste da América do Sul. Desde 1988, quando da compra do navio, brilha este "cisne branco do atlântico sul" no porto da cidade, para divertimento dos visitantes.

Mesmo que a "revolução dos containers" tenha mudado bastante o transporte via mar, a lista dos bens transportados nesta linha ficou basicamente a mesma. Afinal, os negócios entre a Alemanha e o Brasil se caracterizam por uma longa tradição e por alta estabilidade.

"A América do Sul continua sendo uma das regiões de mercado mais importantes para o porto de Hamburgo", diz

Axel Mattern, diretor de marketing do porto de Hamburgo. "Queremos ampliar as nossas relações sólidas com o Brasil. Ao contrário da China, onde as condições se alteram de forma muito rápida e imprevisível, com o Brasil encontramos uma situação que nos permite evoluir, embora mais lentamente, de forma independente das oscilações do mercado, além de haver tempo e espaço para avanços concentrados e objetivos. Em especial dentro da nossa função rotativa com o mercado exterior, que visa explorar também os mercados em crescimento do leste da Europa", acrescenta.

Há muitos anos as atividades do porto acompanham o crescimento do uso dos containers no transporte de bens via mar. Quem olha com atenção às ruas do arraial do porto de Hamburgo os vê por toda parte: containers "secos" para bens e peças de todo tipo, containers isoladores e refrigeradores para bens que necessitam de determinadas temperaturas, containers "bulk" para entulho, containers "tanque" para bens líquidos, containers de plataforma para bens pesados. Um container, que além de capacidade específica também é usado como medida padrão (TEUs), tem 20 pés de comprimento (cerca de 6 metros), oito pés de largura (cerca de 2,5 metros) e 8,5 pés de altura (cerca de 2,6 metros). Por volta de 30 milhões dessas caixas de aço com medidas ISO estão circulando pelo mundo todo. Em 2013 9,3 milhões deles foram embarcados e desembarcados no porto de Hamburgo, cerca de 95.000 deles foram ao Brasil, cerca de 90.000 vinham de lá. Continham um total de 1,2 toneladas



MARCELO HERNANDEZ

Um monumento do comércio naval com a América do Sul: o navio-museu "Cap San Diego" está ancorado numa ponte do porto de Hamburgo

de bens dos mais variados, entre eles o café bruto, cuja importação conta tradicionalmente como uma das mais velhas tradições de comércio entre Hamburgo e o Brasil.

O container é descarregado no terminal CTA Altenwerder e transportado ao depósito de café Hohe Schaar, do Grupo de Café Neumann (NKG) Kala. A empresa fundada em 1956 no cais Sandtor como Armazém de Café Ltda tornou-se um verdadeiro "campeão", desde que se mudou à Hohe Schaar, na margem sul do porto, em 2006. O diretor-executivo da empresa, Günther Brockhaus, parece o arquétipo do comerciante hanseático: simpático, um pouco reservado, porém amável e sólido. No foyer do prédio modesto da empresa há uma foto na parede do ano de 1976 onde se vê o primeiro armazém de café bruto do mundo, na antiga sede da empresa. "Com ele provocamos um grito de indignação no comércio de café. Foi uma "quebra de tabu", naquela época, estocar este estimulante sensível e caro em um armazém de aço em vez de dentro de sacos "românticos", conta. Hoje a instalação mais moderna do mundo neste ramo processa, em ritmo de trabalho de 24 horas, mais da metade do café que se toma na Alemanha, cerca de 100 milhões de xícaras por dia, 40% desta matéria bruta vêm do Brasil.

Em 330 celas de armazenagem, e passando por muitas fases de processamento, os grãos de café são examinados em sua integridade e qualidade, limpos, pesados, misturados conforme o gosto dos clientes e beneficiados através de secagem a vapor. O fato de todo o processo acontecer de forma totalmente automatizada em um total de dez andares, significa uma obra tecnológica extraordinária. No depósito, com uma capacidade de 35.000 toneladas, o café bruto pronto para ser torrado espera pelo seu transporte para as empresas de torrefação que atuam no mundo todo, como, p. ex., a Tchibo, Douwe Egberts, Darboven, Aldi, Starbucks, Nestlé, Deutsche Extrakt Kaffee e a Melitta.

Mesmo sendo um global player no império de café da NKG, que abrange cerca de 50 firmas individuais, a Kala manteve as tradições do norte da Alemanha. "Quando iniciamos o planejamento para a nova instalação supunhamos que precisaríamos da participação de especialistas de toda a Europa para a construção de nossa fábrica. No final, todas as 250 empresas que participaram vieram do norte da Alemanha", conta Günther Brockhaus. "Agora também formamos jovens profissionais, altamente especializados, que são necessários para o funcionamento eficiente de nossa instalação. Estes não se encontram no mercado", completa.



Sacos de café são estocados no galpão da NKG Kala, líder do mercado mundial, em Wilhelmsburgo (à esquerda). O chefe da rede Edeka, Markus Mosa, na maturação de bananas da firma, no O'Swaldkai

A especialização e a automatização no desembarque de bens navais hoje em dia se tornou tão importante como o processamento deles. Quem demonstra isso é a Hamburger Hafen und Logistik AG (HHLA) com o seu centro de refrigeração e frutas no maior terminal de frutas da Alemanha, localizado no cais O'Swald, onde anualmente mais de 100 navios entregam um volume superior a 50.000 toneladas de frutas, originadas, em sua maioria, da América do Sul e Central. "Pelo fato de o Brasil ter as mais variadas zonas climáticas, vem de lá toda a gama de frutas exóticas, do abacaxi às frutas cítricas", diz Axel Hoeckrich, diretor-executivo da HHLA Frutas e Centro de Refrigeração Ltda. "As frutas brasileiras chegam sem exceção em containers refrigerados ao porto de Hamburgo".

A refrigeração e o amadurecimento representam os aspectos mais importantes no terminal das frutas. Isto se aplica especialmente às bananas que precisam ser colhidas ainda verdes e obedecer a um processo de amadurecimento exato para serem entregues às prateleiras dos supermercados da forma como o cliente as quer. Entre os grandes clientes da HHLA figuram, entre outros, a multinacional de frutas Dole, que tem a sua central europeia diagonal ao cais O'Swald, e o gigante de varejo Edeka, que tem a sua própria empresa de maturação de bananas na redondeza imediata do areal do cais. Para atender às suas exigências, o centro de frutas foi equipado em 2006 com o galpão climático mais moderno do mundo, onde quatro câmaras refrigeradoras, individualmente controláveis, fornecem as temperaturas adequadas. Dirigidas por computadores, as bandejas com as caixas de bananas são transportadas aos seus lugares nos depósitos de prateleiras altas. Um software especial determina, observa e documenta, em todos os detalhes, o trajeto do navio refrigerador até a entrega aos caminhões. Até 350 bandejas por hora deixam a instalação rumo à maioria das regiões da Alemanha, à Escandinávia, ao Báltico e à Europa Central e do Leste.

"Através dos investimentos dos últimos anos nós estamos bem equipados para o futuro manuseio de frutas", certifica Hoeckrich. As cifras atuais confirmam isto: o movimento aumentou no primeiro semestre de 2014 em 15%, para 283.000 toneladas. Também Axel Mattern se mostra otimista em relação ao futuro hamburgo-brasileiro: "O país tem um enorme potencial, no entanto enfrenta desafios imensos. Muitos de seus portos são muito pequenos e muito rasos. As vezes, faltam por completo conexões de transporte para o interior e a barreira linguística do português dificulta a comunicação intercontinental", comenta.

BRASIL & ALEMANHA



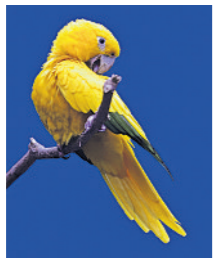
IMPRESSÕES DE UM PAÍS

Diversidade de espécies Nenhum outro país dispõe de uma fauna e de uma flora tão variadas como o Brasil. Com um pouco de sorte pode-se encontrar animais especialmente raros, como por exemplo, os bichos-preguiça. Existem cinco espécies, dentre elas o preguiça-de-coleira, que está ameaçado de extinção porque somente habita em determinadas regiões da Mata Atlântica, entre o Estado da Bahia e o Rio de Janeiro onde muitas áreas da floresta já foram destruídas ou diminuídas.

Além disso, os bichos-preguiça estão sendo caçados devido a sua carne ser considerada uma iguaria. No meio da Mata Atlântica, a 300 km ao sul de Salvador, na Bahia, uma bióloga opera em uma unidade de assistência aos animais, onde se ajuda na recuperação de animais órfãos ou feridos. O Brasil é considerado o país dos pássaros. A gama se estende dos minúsculos beija-flores até as impressionantes emas, os maiores pássaros da América do Sul que, embora tenham desaprendido a voar, possuem pernas musculosas para a fuga. Das 9.700 espécies do mundo inteiro, 3.100 existem na América do Sul, destas quase 1.700 no Brasil. Cerca de 700 espécies têm seu habitat no Amazonas. Entre elas está o periquito dourado, que mede cerca de 35 cm, pesa apenas 250 g e tem plumagem amarelo dourada e as asas de um verde escuro. As suas cores correspondem às cores da bandeira brasileira, o que faz do periquito dourado uma espécie de passarinho nacional. *bil*



GETTY IMAGES



WILDFEISHER

ANZEIGE

SOLVEIG FLÖRKE

No extremo sul do Brasil, nas fronteiras com a Argentina e o Paraguai, elas trocam estrondosamente, as massas gigantes de água da Foz do Iguaçu. Quanto mais se aproxima, mais o rumor abafado se transforma em barulho retumbante. As cataratas do Iguaçu são mais largas do que as cataratas de Vitória do rio Sambesi, e mais altas do que as cataratas do Niágara. São até trezentos córregos de água, dependendo do volume de chuva, formadas por uma erupção vulcânica e pelo deslocamento das placas tectônicas sul-americanas há milhões de anos atrás, sendo a sua atração principal a famosa "garganta do diabo". Aqui, treze mil metros cúbicos de água por segundo são atiradas para baixo. Considerada uma das Sete Maravilhas da Natureza no mundo, a Foz do Iguaçu se localiza no meio da floresta tropical de um verde profundo. Muitas espécies de animais e plantas tem o seu *habitat* no Parque Nacional do Iguaçu e somente ônibus ou veículos licenciados podem se aproximar dele pelas estradas de acesso. A partir da quarta parada, um caminho asfaltado se serpenteia pelo mato. É a partir daqui que os visitantes, acompanhados por borboletas esvoaçantes, podem caminhar por cerca de duas horas ao longo da foz. Ainda secas no início, logo as roupas ficam molhadas pelo chuveiro das águas e arcos-íris brilhantes aparecem no céu. Enquanto as roupas voltam a secar pelo calor úmido, o mesmo não se dá com as lembranças únicas do espetáculo grandioso da natureza, que nos acompanham para sempre.

A cidade litorânea de Parati, localizada entre as megacidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, é uma verdadeira jóia histórica. Casarões coloniais do século XVII criam um cenário romântico que é único, dessa forma, no Brasil. No pequeno porto da cidade, onde se pode passear bem à vontade, observa-se pequenas lanchas de madeira muito coloridas que, na maioria das vezes, pertencem aos pescadores. Muitos deles oferecem passeios turísticos que contribuem para o aumento de suas rendas. Assim, pode-se explorar, por exemplo, o lado oposto da baía. Deva-



As cataratas de Foz de Iguaçu são mais largas que as de Vitória e mais altas que as Cataratas de Niágara. Cerca de 13.000 m³ de água caem às profundezas por segundo

Viagens bonitas, com profundidade

O Brasil mostra, além de suas metrópoles, uma natureza exuberante e romantismo da época colonial

gar, os velhos botes se aproximam do lado do outro lado das águas, e os passageiros observam fascinados um prédio branco de janelas azuis: é a Fazenda Boa Vista, que se localiza no alto de uma pequena praia cercada por palmeiras. E mesmo que a antiga destilaria de cana de açúcar esteja literalmente caindo aos pedaços, ainda está envolta por um brilho natural. Talvez seja a localização paradisíaca de Parati, entre o mar e a mata nativa, que crie este clima tão especial, ou talvez o fato de que a mãe dos escritores alemães Thomas e Heinrich Mann tenha passado

nesta casa a sua infância. Um festival de literatura que acontece anualmente lembra, entre muitas outras coisas, estes escritores alemães de raízes brasileiras.

O melhor jeito de se chegar às Ilhas de Fernando de Noronha é de avião, isso porque se localizam a 545 km de distância do continente, no meio do oceano Atlântico. O arquipélago de 21 ilhas atrai milhares de turistas do mundo inteiro pelas suas paisagens tropicais com praias de areias brancas e águas cristalinas. No entanto, o número de viajantes que podem se deliciar com elas é limitado.

Para se evitar a inundação turística do arquipélago, só até 328 passagens aéreas, dependendo da estação, podem ser distribuídas por dia para Fernando de Noronha. O paraíso tem o seu preço: para a rígida forma de um turismo "suave" não só se tem de enfiar a mão bem fundo no bolso, como também arcar com um monte de papelada burocrática. No entanto, os visitantes são compensados ao assistir aos golfinhos em um de seus lugares favoritos e por experiências de mergulho com tartarugas gigantes. Tocar, no entanto, é expressamente proibido.

Por aqui, isto é bem diferente: em Ouro Preto, no estado de Minas Gerais, a história colonial do Brasil parece poder ser tocada com as mãos: luminárias noturnas de ferro, portas de madeira com ornamentos artesanais, fachadas brancas com janelas coloridas. As pequenas vene-



Ouro Preto: Igrejas barrocas como a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

sianas nas janelas fazem pensar em uma janela que dá para um delicado quarto de uma casa de bonecas. Na Praça Tiradentes percebe-se nitidamente a glória de dias passados. Ainda hoje ela envolve toda a cidade com suas igrejas magníficas, esculturas barrocas e ruas de paralelepípedos. Não é costumeiro no Brasil ter-se cidades do século XVIII tão bem conservadas. Quanto mais se aprecia a vista, mais se é transportado ao glorioso passado da cidade. Por todo lado há algo bonito para se ver: o teatro da cidade, por sinal o mais velho do Brasil, casarões lindos e palácios coloniais magníficos com suas sacadas ornamentadas e entradas cobertas, fontes barrocas, como o "Chafariz dos Contos" e lojinhas aconchegantes. A imagem da cidade é formada pela arquitetura do tempo

colonial. O centro histórico bem conservado pertence, desde 1980, ao patrimônio cultural da UNESCO. No auge de sua florescência, há uns 300 anos, Ouro Preto, situada a 1200 metros de altitude no alto das montanhas, foi tão rica como nenhuma outra cidade do chamado Mundo Novo. A causa da sua riqueza fez também surgir o seu nome: um ouro levemente apetrejado pela corrosão de ferro oxidante. Com os primeiros achados em 1730, começou uma corrida pela sua extração. Uma verdadeira ganância pelo ouro estourou e, assim, chegaram mais de 100 mil pessoas à cidade, mais do que em qualquer outro lugar do Brasil. Os habitantes se dividiam em aventureiros europeus, na maioria de Portugal, que queriam participar nas extrações lucrativas, e escravos trazidos pelos senhores coloniais da África ao Brasil. Na maciça ponte de pedra da cidade estes eram oferecidos e comprados, há 300 anos, para extrair os valiosos tesouros do chão de Minas Gerais para os seus donos. Apesar de sua arquitetura antiga, Ouro Preto é uma cidade muito viva. Há uma universidade federal muito renomada, o que se observa facilmente pelo grande número de estudantes. Estes ficam sentados em frente à prefeitura, ao sol, nos degraus das escadas, com as cabeças sobre os livros. As festas noturnas em suas repúblicas são refrescantes e lendárias e, sem fazer rodeios, convidam até os turistas para participar delas.

The Mayor

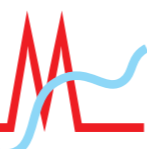


City of Cologne



Colônia se encanta com a geminação de cidades com o Rio de Janeiro

Departamento do Desenvolvimento Económico · Willy-Brandt-Platz 2 · 50679 Colônia
Tel. +49/221/221-25765 · Fax +49/221/221-26686
wirtschaftsfoerderung@stadt-koeln.de · www.stadt-koeln.de



Em Pomerode fala-se alemão

O estado de Santa Catarina se destaca pelas tradições alemãs

SOLVEIG FLÖRKE

Os "barriga verde". É assim que se denominam, com muito orgulho, as pessoas do estado brasileiro de Santa Catarina. De qualquer maneira, os catarinenses podem se sentir orgulhosos com toda a razão: Santa Catarina, no sul do Brasil, tem muito a oferecer, além de paisagens lindas. Há praias de areia branca, florestas tropicais densas, vales profundos, montanhas e até mesmo estações de ano bem definidas. Esses cenários estão atraindo cerca de 21 milhões de turistas por ano.

A região de Urubici, na serra catarinense, porém, ainda é pouco conhecida. Essa região tem tudo o que faz sonhar os amantes da natureza: ricos prados, florestas de araucárias e de samambaias gigantes, cachoeiras barulhentas e capins altos entrecortados por rios e riachos. A região montanhosa é a mais fria do Brasil. É o único lugar onde cai neve todos os anos, mesmo que só por alguns dias. Ali também crescem uvas e maçãs, frutas dificilmente encontradas em outra parte do Brasil.

No vale do Rio Itajaí, boa parte colonizada por imigrantes alemães, encontra-se uma pedacinho da Alemanha em pleno Brasil. Os descendentes dos primeiros imigrantes, que chegaram a partir de 1850, conservam as tradições culinárias, o folclore, a arquitetura e as danças tradicionais, além de divulgarem as festas tipicamente alemãs. A cidade de Blumenau, o centro desta região, realiza há mais de 25 anos a segunda maior Oktoberfest do mundo.



Colorida, chique e atraente: Florianópolis é a capital de Santa Catarina, estado de fortes influências alemãs

Em Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil, a maior parte da população ainda fala a língua alemã. "A cultura alemã é muito bem aceita e reconhecida. Cada vez mais brasileiros com raízes alemãs mostram grande interesse na cultura e na língua dos seus ascendentes. Quer se trate de tecnologia e de inovações alemãs ou da comida típica alemã, Santa Catarina é o lugar certo para se descobrir e achar tudo isso", afirma o alemão Otfried Schnabel, radicado em Blumenau há nove anos.

Para se chegar às praias a viagem é de apenas uma hora de carro: de Blumenau a Itapema, a capital, Florianópolis, ou ao balneário de Camburiú. Nessas cidades, as coisas acontecem tanto de dia como à noite e, mesmo assim, pode-se relaxar à

vontade. Penínsulas entrecortadas, baías isoladas e mar de águas cristalinas podem ser visitados em excursões de lanchas. A maior cidade, Itapema, tem a fama de ser um dos destinos de férias mais sofisticados e chiques.

Muitos turistas chegam pelos aeroportos de Navegantes e Joinville. Aqui também acontecerá o *Encontro Econômico Brasil-Alemanha de 2015*. Joinville e Jaraguá do Sul ocupam, com as suas indústrias metalúrgicas, o segundo maior pólo neste ramo no Brasil, atrás apenas de São Paulo. "É a razão pela qual a BMW decidiu vir para cá. No último bimestre de 2015, os primeiros carros por ela produzidos na América Latina deixarão as linhas de montagem", diz Otfried Schnabel.

BRASIL & ALEMANHA

ULRIKE WIEBRECHT

Existe uma brincadeira que diz que o que há de mais belo em Belo Horizonte é o nome. E, realmente, a capital mineira cresceu de forma muito rápida e desordenada para poder competir com pérolas historicamente desenvolvidas como Ouro Preto. O que se vê atrás do horizonte não serve de inspiração para se fotografar: vilas e pequenas cidades “sem rosto” desfilam ao longo da rodovia BR 381, que leva o viajante em direção ao sudoeste. Será que vale mesmo a pena viajar os 60 km de Belo Horizonte a Brumadinho? Mal se chega o vilarejo de Inhotim acaba com estas dúvidas. Logo ali, nos confins de Minas Gerais, e não no Rio de Janeiro ou em São Paulo, pode-se descobrir o mais importante projeto paisagístico e cultural da América Latina e que não se encontra semelhante no mundo. É um Mecca para amigos da arte contemporânea, colecionadores, galeristas, arquitetos, botânicos, críticos, mas também para crianças, excursões escolares e pessoas de todas as idades e classes sociais.

Brumadinho é o nome da cidadezinha de 35.000 habitantes, situada no Vale do Paraopeba. Em um vale muitas vezes coberto pelas neblinas da baixada do rio, o magnata de minério de ferro, Bernardo Paz, comprou uma fazenda, em 1980, que o encantou principalmente por uma árvore da espécie Tamboril. Pouco a pouco, ele foi ampliando o sítio e o transformou em um jardim paisagístico lindíssimo, projeto que teve participação fundamental do grande paisagista brasileiro, Roberto Burle Marx.

Depois de um encontro em Nova Iorque, o artista - reconhecido mundialmente - veio a Brumadinho, em 1984, e contribuiu decisivamente na criação do sítio, que, à época, era particular e não acessível ao público. Quem conhece as criações de Burle Marx na praia de Copacabana, imediatamente reconhecerá as linhas suaves e curvadas, que se desenham por todo o terreno de cerca de cem hectares. De forma aconchegante, os caminhos de passeio beiram pequenos lagos, atravessam campos cheios de flores e levam a pequenos morros.

Um palmeiral aqui, um bambuzal ali, e no meio de tudo Flamboyants de vários metros de altura; lírios e orquídeas brotando num mar de um verde exuberante.

Hoje em dia Inhotim representa, com 4.500 espécies de plantas, o jardim botânico mais rico em espécies do Brasil. No mundo não há maior aglomeração em espécies de palmeiras. Só isto já faz deste lugar um espetáculo sem igual. Mas há também a arte que, por sua vez, convence pelo valor superlativo: aqui se reúne mais de 500 obras de 97 artistas de 30 países, e fazem da visita uma viagem emocionante de descobertas sem fim. Em um momento, são as esculturas de bronze de duas pessoas que se abraçam, do artista Edgar Souza, aparecem ao longo do caminho; em outro, um mural das artistas John Ahearn e Rigoberto Torres, que reproduzem guitarristas, batuqueiros, dançarinos, mulheres grávidas e pessoas andando de ônibus, que parecem vivas e reais.

Um pouco a frente, a “Viewing machine” - de Olafur Eliasson, quebra a paisagem montanhosa de Inhotim em partículas bizarras, por meio de um caleidoscópio gigante; em outros lugares, paredes em forma de labirinto e de cores muito vivas, de Hélio Oiticica, lembram a arquitetura de favelas brasileiras, e os trastes metálicos de 45 metros, de Chris Burdens, parecem alcançar o céu sob o lema de “Beam Drop”.

Enquanto se passeia confortavelmente por uma natureza cuidada de forma exemplar, que aparenta ser intocada e que se desenvolve de forma absolutamente natural, a todo momento se é surpreendido com esculturas e instalações novas, por vezes de dimensões grandiosas.

Não é só a qualidade dos objetos que impressiona, mas o jeito como foram incorporados às paisagens. Diferentemente de um museu, que apenas exhibe as obras de arte, por aqui muitas delas existem em um constante diálogo com o



Cerca de 500 obras de arte são expostas no jardim botânico de Inhotim, entre elas, o trio de fuscas, de Jarbas Lopes

Um fusca no mato

Inhotim é o projeto paisagístico e cultural mais importante da América Latina. A arquitetura, o design e a vegetação tropical formam uma simbiose única

meio ambiente. Enquanto Bernardo Paz, no início colecionava principalmente obras de arte moderna do Brasil, das quais pode-se ver diversos exemplares dos anos 60, mais tarde, dedicou-se cada vez mais à arte contemporânea internacional e contratou muitos artistas criativos para trabalhar juntamente no projeto Inhotim. Uma oferta que eles abraçaram com gratidão.

Aqui, os artistas encontraram um lugar onde puderam realizar a sua arte de forma livre, sem limitações por espaços ou regras rígidas. E, para o caso de as suas obras não terem a capacidade de resistir às condições climáticas, ou de envelhecer junto a estas, foram criados pavilhões e galerias lindíssimas sob a regência do arquiteto Paulo Orsini, que abrigam arte fotográfica de altíssimo nível, pinturas e vídeos e também instalações como a maravilhosa “True Rouge”, do artista brasileiro Tunga, que recolhe objetos do mar tingidos em vermelho em redes gigantes.

Em outro prédio, escurecido, que tem as dimensões de uma sala de concerto, os visitantes podem escutar às misteriosas instalações sonoras de Janet Cardiff e John Bures Miller. Podem também deixar-se envolver, deitado em uma rede, pela obra “cosmococa”, de Hélio Oiticica, que mostra rostos gigantes, inclusive o do próprio artista “Happening”, desfilarem nas paredes, participando assim de suas visões “Cocaine”. Já em outras obras de arte, como nas esculturas de madeira centenária, transformadas em bancos, pode-se até sentar ou subir como muitas crianças o fazem.

Poucas vezes o encontro com a arte decorre de forma tão agradável e descomplicada como aqui. Ninguém se sente reduzido ao papel do contemplador, que tenta decifrar mensagens mais ou menos codificadas. Pelo contrário, por aqui nada é imposto, mas a arte se estende de forma despreocupada ao longo dos caminhos. Passeia-se por ela, passa-se por cima dela, encontra-se no

meio dela ou até mesmo interage-se com ela, como é o caso das letras de barro, que podem formar palavras em um campo gramado - tudo de um jeito tão descontraído que fazem a alegria tanto de crianças de escola ou de soldados em férias educativas. Quem estiver em trajes de banho pode até mesmo pular na piscina. Ademais, lanchonetes oferecem vitaminas refrescantes de abacaxi e manga e no arejado restaurante Oiticica são servidas deliciosas saladas e pratos de pescada.

Aonde exatamente começa ou termina a arte não se sabe ao certo e também parece não fazer diferença. Ao final, fica a impressão de que o dia foi curto demais e deixa-se Inhotim com a sensação de se ter feito uma viagem maravilhosa pelo Brasil e de ter absorvido toda a beleza de sua vegetação tropical e de um cosmo de ideias, impressões, inspirações e até mesmo percepções profundas, entre as quais a que o Brasil é sinônimo não só de constantes e surpreendentes inovações, como também de visões.

Com toda a razão, o fundador de Inhotim, Bernardo Paz, pode ser chamado de visionário porque, para ele, o projeto é muito mais do que um museu ao ar livre, - representa uma forma de viver, que inclui também, ao lado da arte e de uma natureza moldada sob aspectos ecológicos, questões de sustentabilidade da inclusão social e da educação.

Embora seja verdade que o projeto comunitário, - no qual ele investiu a quantia de 250 milhões de dólares, obtida com a venda de uma de suas empresas, assim como de outras somas impressionantes investidas -, não se pode financiar autonomamente e depende de apoio patrocinado, ele criou empregos para 700 funcionários, dos quais a grande maioria mora nas redondezas imediatas e por sua vez entusiasma muitos voluntários, levam grupos sociais menos privilegiados ao encontro com a arte e dão verdadeiras aulas em matéria de sustentabilidade. Estas também são razões pelas quais vale a pena de pegar o caminho para Brumadinho. Diferentemente de uma visita ao museu, que inclui-se em um programa de sight-seeing, é uma peregrinação que, no melhor dos casos, recoloca purificadas as pessoas na realidade do século XXI. No pior dos casos, fez-se um passeio prolongado e muito bonito.

O projeto Inhotim, rua B 20, Inhotim, Brumadinho, www.inhotim.org.br, está aberto durante o ano todo, de terças às sextas, de 9:30 às 16:30 horas, assim como aos sábados e domingos, de 9:30 às 17:30 horas. Às 11 horas e às 14 horas oferecem-se passeios com guia em parte também em inglês. Chega-se a Inhotim, a cerca de 60 km de Belo Horizonte, de ônibus ou de carro, pela BR 381.



IMPRESSÕES DE UM PAÍS

Roberto Burle Marx era pintor, designer, arquiteto, botânico e escultor, e por cima, um apaixonado cantor de ópera: era mesmo um multitalento. Ele cantava somente para a família e grupos de amigos íntimos, mas como paisagista ganhou fama mundial. O seu maior mérito foi integrar a flora nativa aos jardins brasileiros, porque até a década de 1940 considerava-se chique apenas o que vinha da Europa. Burle Marx nasceu em 4 de agosto de 1909 em São Paulo, quarto filho de Wilhelm Marx,



imigrante alemão que veio da cidade de Trier em 1898, e da pianista e cantora brasileira Cecília Burle. Ele cresceu no Rio de Janeiro e queria, no início, ser cantor profissional; no entanto, estudou pintura. Entre 1928 e 1929 continuou os seus estudos em Berlim. Curiosamente, adquiriu seus conhecimentos da flora brasileira nas estufas do Jardim Botânico de Berlim, onde ele desfrutava cada minuto livre. De volta à América do Sul estudou, entre outras, na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. No entanto, ele nunca concluiu seus estudos. Seu primeiro grande projeto foi o paisagismo na orla de Copacabana, até hoje existente. Ele utilizou filodendros, ipês e helicônias, o que causou certo ceticismo no Brasil, porém agradou aos críticos estrangeiros. Entre 1934 e 1937 foi diretor da administração de parques e jardins, no Recife, mas foi a partir de 1949 que ele criou o seu legado florido: o sítio Santo Antônio da Bica, no Rio de Janeiro, com uma extensão de 36.000 m², onde morava, e que inclui jardins, assim como viveiros de plantas. Entregou o sítio em 1985 a uma fundação cultural, o que o tornou aberto à visitação pública. Burle Marx, o fundador do paisagismo moderno, faleceu em 4 de junho de 1994 no Rio de Janeiro. *elc*

THE LIFE PICTURE COLLECTION/GETTY IMAGES; MICROY; AN TROWER (3); PAGALIT BELIGAMA (3)

ANZEIGE



TIME TO CHAIN

PROCESSING - STORAGE - PACKING - FILLING - PALLETIZING - LOADING

Aprimore seu processo com as melhores soluções.

E se você pudesse aprimorar toda o seu processo de produção exclusivamente com tecnologia de primeira classe e assim colocar toda a responsabilidade em uma mão?

Com a **HAVER & BOECKER Holding Americas** agora é possível fazer exatamente isso.

Com o gerenciamento de projetos da **Verbor**, a tecnologia de processamento da **HAVER & BOECKER Mexicana**, as tecnologias de processamento, armazenamento, embalagem e paletização da **HAVER & BOECKER Latinoamericana** e **HAVER & BOECKER Andina**, bem como com o suporte técnico da **HAVER & BOECKER Serviços** apenas as melhores marcas do mercado serão usadas para formar uma linha de produção com as melhores soluções.

Para maiores informações entre em contato com Adrian Gamburggo:
Telefon: +55 19 3879 9147
E-Mail: agamburggo@haverbrasil.com.br
www.haverbrasil.com.br

HAVER & BOECKER



A obra Magic Square de Hélio Oiticica no parque Inhotim

